

Sequenciamento genético do trigo é anunciado por pesquisadores britânicos

Segundo o jornal inglês *The Independent*, este trabalho está sendo considerado o mais significativo avanço para a agricultura, mesmo sabendo que a cultura do trigo acompanha a espécie humana há mais de 10 mil anos.

Os pesquisadores britânicos responsáveis acreditam que, em até cinco anos, o mapeamento do genoma possa favorecer o desenvolvimento de novas variedades de trigo resistentes a doenças. Além disso, há a possibilidade de redução no preço do pão e a produção de um alimento mais seguro e saudável. Os cientistas colocarão à disposição de pesquisadores de todo o mundo a primeira versão do sequenciamento. Segundo o professor Keith Edwards, da Universidade de Bristol, tal divulgação deve aumentar drasticamente a velocidade com que novas plantas serão desenvolvidas: o objetivo é estimular a criação de novas variedades resistentes a doenças ou tolerantes à seca.

Na Universidade de Liverpool, outro centro de pesquisa de trigo responsável pelo trabalho, o geneticista Neil Hall também prevê avanços rápidos. “É possível que em cinco anos o pão fique mais barato por conta do desenvolvimento de novas variedades”, afirma.

Embora o trigo tenha sido uma das primeiras espécies domesticadas pelo homem, pesquisas com a planta enfrentaram dificuldades, especialmente por conta de sua complexidade genética, resultado do cruzamento entre três espécies selvagens diferentes.

Desde quando era plantado no império romano, o rendimento por hectare de trigo aumentou três vezes. Contudo, há dez anos, tal crescimento parece ter chegado ao máximo. Espera-se agora que a descoberta do genoma possibilite novos saltos em produtividade desta planta tão importante na alimentação humana.

Fonte: *The Independent* – <http://www.independent.co.uk/news/science/genome-breakthrough-heralds-new-dawn-for-agriculture-2063308.html>



A Ciência procura multiplicar o pão nosso de cada dia

Pós-graduação virtual no Nordeste

Após seis anos de existência, a Rede Nordeste de Biotecnologia (Renorbio) pretende lançar um Centro de Excelência Virtual para formar doutores em quatro áreas: saúde, meio ambiente, indústria e agropecuária. Da Rede participam 31 instituições de ensino e pesquisa dos nove estados da região, somadas ao Espírito Santo. A expectativa é que sejam formados mil doutores pelo sistema nos próximos 10 anos.

A coordenação da rede é feita pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). O interessado pela pós-graduação deve escolher um dos professores da rede para orientar seu projeto e se inscrever no site da Renorbio. Se sua proposta for aprovada, ele participará das aulas na instituição mais próxima de sua casa. Na parte virtual, algumas disciplinas são transmitidas por videoconferência, permitindo que estudantes de diversos estados participem.

“A característica virtual da rede a permite atingir todo o Nordeste. Ela foi idealizada durante o Fórum da Competitividade em Biotecnologia, em 2004, quando identificamos um aumento consistente no número de profissionais na área. Ao mesmo tempo, era uma oportunidade de fazer a indústria de biotecnologia crescer no Nordeste”, explica a secretária Executiva da Coordenação de Programa de Pós-Graduação, Paula Lenz. O alcance deste crescimento foi confirmado por uma avaliação da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pes-

soal de Nível Superior): entre 2007 e 2010 os cursos de mestrado e doutorado cresceram 31,3% no Nordeste, sendo que no resto do país eles aumentaram 20,8% no mesmo período.

Segundo Paula Lenz, a primeira turma, com inscritos selecionados em 2006, já produziu 90 teses, que deverão ser apresentadas até dezembro. Destas, dez já foram defendidas e seis já saíram com patentes. Uma delas foi a de Tecia Vieira Carvalho, que desenvolveu um novo método para isolar quitina e quitosana a partir da cabeça do camarão, descartada como lixo por produtores e comerciantes – enquanto a produção brasileira é feita com processos químicos altamente poluentes. “A quitosana é utilizada em áreas como saúde, agronegócio e em processos de biorremediação (absorção de substâncias tóxicas em ambientes contaminados), e um quilo custa hoje cerca de R\$ 4 mil. A quitina chega à metade.”, explica a pesquisadora, que vê a possibilidade de lançar produtos aos preços iniciais de R\$ 120 para o quilo da quitosana e R\$ 160 o quilograma da quitina.

Fazem parte hoje da Renorbio duas unidades da Fiocruz, cinco unidades da Embrapa e mais de 20 universidades públicas, estaduais e particulares do Nordeste e do Espírito Santo, além da Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária (IPA) e do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper).

Fonte: <http://www.renorbio.org.br>